

A PRODUÇÃO DO/A PROFESSOR ENDIVIDADO/A NOS DISCURSOS DO PROGRAMA: EDUCAÇÃO – NOVOS RUMOS

THE PRODUCTION OF THE TEACHER ENVIDDED TO PROGRAM SPEECHES: EDUCATION - NEW DIRECTIONS



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v10i1.2159>

Eliana Povoas Brito

Profa. Associada do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do sul da Bahia (UFSB)

eliana.povoasbrito@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0002-4563-1354>

Recebido em: 26/03/2017 – Aceito em: 07/08/2017

Resumo: A aprovação da recente reforma do ensino médio contou com o apoio decisivo das diferentes mídias ao colocarem em circulação o discurso da decadência da educação secundária no Brasil ao mesmo tempo em que produziram o “novo ensino médio” como a solução para o futuro da educação nacional. Este trabalho, apoiado nos estudos de Deleuze (1992) sobre as sociedades de controle e na noção de modo de endereçamento, trabalhada por Ellsworth (2001), analisa o programa: “Educação: Novos Rumos”, produzido e exibido pela TV Cultura, mostrando as estratégias discursivas utilizadas por esses discursos para engendrar o endividamento como dispositivo de controle na formação de professores/as.

Palavras – Chave: Mídia – Ensino Médio – Formação de Professores

Abstract: The approval of the recent high school reform counted on the decisive support of the different media in putting the discourse of the decadence of secondary education in circulation in Brazil, while producing the “new high school” as the solution for the future of education. This work, based on Deleuze’s studies (1992) on control societies and the notion of addressing mode, elaborated by Ellsworth (2001), analyzes the program: “Education: New Directions”, produced and exhibited by TV Cultura, showing discursive strategies used by these discourses to engender indebtedness as a control device in the formation of teachers.

Keywords: Media; high school; teacher training

¹Entre as diversas entidades: ANPAE-Associação Nacional de Política e Administração da Educação, ANPED-Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, CEDES-Centro de Estudos Educação e Sociedade, FORUMDIR-Fórum Nacional de Diretores das Faculdades de Educação, ANFOPE-Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação, entre tantas outras.

² Depoimentos de jovens que participam da peça publicitária “Novo Ensino Médio: quem conhece aprova” (MEC. Governo Federal, 2016).

Introdução

A recente publicação da Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 finaliza, no campo legislativo, a Reforma sofrida pelo Ensino Médio anunciada pelo governo Temer, em setembro de 2016, por meio de uma Medida Provisória (MP 746/16). Neste curtíssimo espaço de tempo - 5 meses -, professores, estudantes e um conjunto significativo de instituições¹ vieram a público criticar e indagar os motivos pelos quais o governo estaria propondo reformar o ensino médio de forma tão equivocada e intempestiva.

A resposta do governo, a essas e a diversas outras manifestações públicas, veio através de um forte investimento publicitário. Por meio de propagandas, entrevistas, discursos oficiais e programas televisivos que ocuparam, e ocupam, espaços em diferentes mídias, o Ministério da Educação (MEC) fez circular um conjunto discursivo endereçado à sociedade em geral, mas, muito especialmente, à juventude secundarista que foi mobilizada pela apologia do jovem com poder de decisão: “Eu escolho o que eu vou estudar? Então, é claro que eu aprovo!” “Minha vocação? Sim, eu aprovo!”², contratado com a decadência do ensino médio. A um só tempo, os discursos midiáticos produziram o esfacelamento da educação secundária e a sua salvação: o “Novo Ensino Médio”.

Inscrito neste solo discursivo, a TV Cultura, sob a responsabilidade de seu Núcleo de Educação, produziu e transmitiu uma série de 10 programas, claramente direcionado a gestores/as, professores/as e estudantes, onde a reforma do ensino médio foi a problemática central. A série “Educação: Novos Rumos”, apresentada de segunda a sexta-feira, foi ao ar entre os dias 28/11 a 09/12/16. Construído no formato de debates, cada um dos episódios versou sobre uma temática específica do campo educacional³ e contou com a participação de pessoas diretamente envolvidas na assessoria do MEC e de professores/as convidados/as. O programa foi gravado com a presença de uma pequena plateia formada por gestores/as, professores/as e estudantes secundaristas. A interação destas pessoas com os/as debatedores/as foi bastante tímida, pois limitada a uma ou duas perguntas curtas enunciadas em cada um dos episódios da série.

Inspirada por Deleuze (1992), quando analisa a emergência das sociedades de controle (sociedades pós disciplinares estudadas por Michel Foucault) e valendo-me do conceito de modo de endereçamento (ELLSWORTH, 2001), escolho como campo de investigação deste trabalho, o corpus discursivo constituído pelo programa “Educação: Novos Rumos”, com o objetivo perguntar, a este discurso⁴, quem ele pensa que, nós professores/as, somos? Quem ele quer que sejamos? Quais estratégias são utilizadas para atingirem os/as professores/as e os estudantes?

Para os limites deste artigo, o texto encontra-se assim estruturado: no primeiro tópico, componho o quadro teórico-metodológico enquanto ferramentas operacionais da investigação realizada. No segundo tópico, procedo a análise da produção discursiva veiculada pelo programa “Educação: Novos Rumos”, enquanto *lócus* de pesquisa. Para fechar o texto, faço algumas considerações finais objetivando potencializar o necessário debate sobre a Reforma do Ensino Médio no Brasil.

Consideração Teórico - Metodológicas

Elizabeth Ellsworth (2001), ao discutir a noção de “modo de endereçamento”, conceito utilizado nos estudos de cinema, mas bastante promissor para o campo da

³Os temas que compuseram a série foram os seguintes: Diagnóstico do Ensino Médio Brasileiro (28/11); Currículo do Ensino Médio Hoje (29/11); Financiamento e a Escola de Tempo Integral (30/11); Exame Nacional do Ensino Médio - Instrumentos de Avaliação (1); e Medida Provisória I (2/12). Medida Provisória II (5/12); Ensino Técnico Integrado no Brasil e no Mundo (6/12); Currículo - Base Nacional Curricular (7/12); Formação de Professores (8/12); e Futuro da Educação (9/12). Os debates contaram com as seguintes presenças: Claudio de Moura Castro; Maria Alice Setubal, presidente do Conselho do CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária; Mariza Abreu, consultora de educação da Confederação Nacional de Municípios; e Priscila Cruz, fundadora e presidente-executiva do movimento Todos Pela Educação. Na segunda semana, participaram: Cesar Callegari, membro do Conselho Nacional de Educação; Guiomar Namo de Mello; Lisete Arelaro, professora da Faculdade de Educação USP; e Luís Carlos de Menezes, professor do Instituto de Física USP.

⁴Trabalho com o conceito de discurso, tal como proposto por Michel Foucault (1991; 1996), e o compreendo como prática, imerso em relações de poder e saber, com implicações mútuas. Enunciados e visibilidades. Práticas sociais que fazem ver e dizer a partir das posições que o sujeito ocupa no mundo.

educação, argumenta que, no limite, esse conceito se resume a uma pergunta: “quem este filme pensa que você é?” (ib. p.11). Isso porque, o modo de endereçamento permite investigar quais as relações (e os efeitos) do “fora” (campo social) com o “dentro” (subjetividade). Dito de uma forma simples: um conjunto de normas, padrões, estereótipos, modos de ser e de estar no mundo, são endereçados nos e pelos textos e imagens veiculados pela mídia com o objetivo de produzir um determinado tipo de pessoa compatível com as expectativas e necessidades impostas pelo regime capitalista.

Neste sentido, um filme/seriado dirigido a estudantes e professores, como é o caso, não apenas traz informações significativas como, por exemplo, índices de repetência e abandono no ensino médio, taxas de professores que exercem a docência sem a formação adequada, arquiteturas curriculares engessadas, metodologias de ensino ultrapassadas, etc., senão que vinculam a essas informações um enfoque social e político bem particular. Ou seja, os conhecimentos, as informações, as cenas de alegrias, as manifestações de aflições, os sentimentos de entusiasmo e de decepção, são relacionais – “uma projeção de tipos particulares de relações entre o eu e o eu, bem como entre o eu e os outros, o conhecimento e o poder” (ELLSWORTH, 2001, p.19).

É importante sublinhar que, embora, os modos de endereçamento estejam sempre preocupados em atingir um determinado público, não há garantias de que isso ocorra, pois não existe nenhum ajuste exato entre endereço e resposta (...) (ELLSWORTH, 2001, p.42). No entanto, o fato de não existir a certeza desta exata correspondência entre endereçamento e resposta, torna o conceito de endereçamento, ainda que paradoxal, um evento poderoso, “cujo o poder advém precisamente da *diferença* entre endereçamento e resposta” (ib. p.43. Grifado no original).

Ao tomarmos a noção de modos de endereçamento como ferramenta de análise, é importante observarmos que este movimento, sugerido por Ellsworth (2001), entre o social (fora) e a subjetividade (dentro) não pode mais ser pensado como na época das disciplinas. Nas sociedades de controle, a economia do poder assume uma outra racionalidade. Agora, o controle, ao contrário das sociedades disciplinares, não requer mais espaços fechados para se exercitar. Desta forma, se nas sociedades disciplinares o poder operava por confinamento, concentrando pessoas, distribuindo-as no espaço, ordenando-as no tempo, hoje, os exercícios de poder se dão a céu aberto. Ou seja, já não há mais a necessidade de enclosurar para governar.

Uma consequência importante da configuração do poder nas sociedades atuais é que, se antes, o sujeito não cessava de passar de um espaço fechado a outro (escola, quartel, fábrica, etc.), hoje, deixamos os diferentes espaços fechados pelos quais passamos com a nítida sensação de que não terminamos nada. “O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” (DELEUZE, 1992, p.221). Esse sentimento contemporâneo de estarmos sempre em dívida (não apenas financeira) se explica, em grande parte, pelo transbordamento das fronteiras das instituições sociais que antes operavam em espaços fechados. Por efeito, as relações entre a sociedade e a subjetividade foram afetadas por todo um conjunto de novas tecnologias de poder que interferem diretamente nas formas pelas quais as subjetividades são construídas.

Assim colocado, considero que os discursos do Programa – Educação: Novos Rumos são endereçados para um determinado tipo de professor/a que ele quer produzir. Analiso, no próprio discurso, as estratégias utilizadas para alcançar as pessoas professoras e estudantes que o discurso televisivo supõe atingir.

O “Novo Ensino Médio”⁵ E a Produção da Educação

⁵Essa expressão vem sendo amplamente utilizada pela campanha publicitária do governo federal que ao adjetivar como “novo” o ensino médio reformado, atribui, ao que existe, uma dimensão de educação velha e ultrapassada.

⁶Frase/slogan utilizado em todos os episódios das dez séries que compuseram o programa televisivo Educação: Novos Rumos.

⁷Título/tema do primeiro episódio da série do programa Educação: Novos Rumos, exibido pela TV Cultura, em 28/11/2016.

⁸Indagações feitas pela reportagem jornalística e endereçada aos/as professores/as e estudantes. Programa Educação: Novos Rumos, exibido pela TV Cultura, em 28/11/2016.

⁹Expressão recorrente na discursividade produzida pelo seriado. Utilizada em todos os dez episódios que compuseram a série.

¹⁰Essa lógica argumentativa foi repetida várias vezes durante cada um dos episódios do Programa. Enunciada pela reportagem responsável pelas cenas gravadas fora do estúdio. Pronunciada durante o segundo episódio do programa: “Currículo do Ensino Médio Hoje” que foi ao ar em 29/11/16.

¹¹Idem.

Empresarial

A chamada geral do programa: “Educação: Novos Rumos” é um convite público para debater o ensino no Brasil, justificado pelo argumento de que a reforma do ensino médio estaria causando “inquietações” em estudantes, escolas e educadores. “Todos concordam que são necessárias mudanças urgentes⁶”. O programa tem sua abertura com o episódio que se propõe a traçar o “diagnóstico do ensino médio: vicissitudes e problemas⁷”. As perguntas, inicialmente endereçadas ao público, traz a escola como lugar de investigação. O discurso jornalístico pergunta: “Para que serve a escola?” “E, a escola ensina?⁸”. Com essas indagações, a reportagem abre o debate dando voz a depoimentos gravados por estudantes, por “especialistas” e por professores/as.

Embora, em especial, neste episódio, as respostas dos estudantes não remetessem a desqualificação da escola e de suas práticas, o discurso midiático, traz dados de uma pesquisa realizada com 132 mil adolescentes, argumentando que, 7 a cada 10 estudantes pesquisados, gostavam da escola, mas que o formato das aulas e o material didático precisavam mudar, utilizando-se então de um discurso apelativo em prol da mudança.

A narrativa sublinhava que a forma como a escola encontra-se convencionalmente estruturada não faz parte da “escola dos sonhos⁹” da adolescência secundarista. “Eles reivindicam o aprendizado livre das salas de aula¹⁰”. “Eles querem aprender em espaços abertos e não fechados entre quatro paredes¹¹”.

O enredo televisivo se beneficia das inegáveis dificuldades que a sociedade brasileira enfrenta frente ao desafio de universalizar a educação básica. Segundo os dados do Censo Escolar 2016¹², recentemente divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2,8 milhões de crianças e adolescentes na faixa etária de 4 a 17 anos estão fora da escola. Desses, aproximadamente 1,6 milhão são jovens de 15 a 17 anos que deveriam estar cursando o Ensino Médio.

Diante deste cenário, por um lado, a estratégia política tem sido a de tentar tornar o ensino médio mais “atraente” para os anseios da juventude. Por outro lado, as ocupações secundaristas que tomaram conta das escolas de todo o território nacional deixaram bem claro para a sociedade em geral e, em particular, para os/as diretores/as, secretários/as de educação e para o próprio Ministro da Educação, que não aceitam movimentos reformistas que não estejam pautados pela democratização das relações tecidas na escola em seus processos formativos.

Paradoxalmente, no entanto, o Programa Educação: Novos Rumos, trouxe cenas gravadas nas escolas totalmente descontextualizadas dos movimentos da ocupação secundarista. As vozes da resistência estudantil foram substituídas por imagens de estudantes felizes, ávidos por uma “nova educação” onde a liberdade de escolher conhecimentos, metodologias de ensino e até mesmo locais diferenciados de aprendizagens trazia como correlato a urgência da reforma no ensino médio. Em uma mesma operação, o discurso que aponta para a falência da instituição escolar produz a necessidade de mudanças urgentes no ensino médio como forma de promover a qualificação da educação nacional. A necessidade de mudanças imediatas, sempre atenta aos anseios da juventude (sic!), encontram-se endereçados aos/às professores e professoras que atuam neste nível de ensino.

De acordo com a lógica discursiva do seriado “Educação: Novos Rumos”, são os/as professores/as que precisam se atualizar para acompanhar a contemporaneidade na qual os jovens já se encontram “conectados”. Como explicitou uma das “especialistas” convidadas: “O professor não consegue dar conta até porque, ainda mais no ensino médio, ele (o/a professor/a) acaba não preparando de uma forma

¹²Dados divulgados pelo Censo Escolar da Educação Básica 2016 – Notas estatísticas. MEC/Brasília-DF. Fevereiro de 2017.

¹³Enunciado pela debatedora Priscila Cruz, fundadora e presidente-executiva do movimento Todos Pela Educação durante a apresentação da série que discutiu o currículo no ensino médio, apresentado em 29/11/16.

¹⁴Ib. idem.

¹⁵Frase/jargão publicitário que compôs a cena da série dedicada a formação de professores, exibida em 08/12/16.

¹⁶Enunciado pela estudante Giovanna Reis, estudante do segundo ano secundário, exibido na série que discutiu o currículo no ensino médio, apresentado em 29/11/16.

¹⁷Depoimento da debatedora Maria Alice Setubal, presidente do Conselho do CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária, durante a série que discutiu o currículo no ensino médio, apresentado em 29/11/16.

interdisciplinar¹³". E, logo a seguir ao se referir aos fatores que desestimulam os estudantes secundaristas, a debatedora completa: "o aluno consegue fazer projeto, se o professor é bem formado, mas, o problema é que na escola o conhecimento não é contextualizado, volta, novamente, para a formação de professores¹⁴". Afinal, "é na sala de aula que a transformação precisa acontecer. Entram alunos, saem cidadãos¹⁵".

Por sua vez, os discursos estudantis capturados pelos apelos reformistas consideram que os/as docentes "colocam muita coisa na (nossa) cabeça, esperam que a gente aprenda e decore, e coisas desnecessárias. Coisas que a gente realmente precisa aprender, a gente não aprende¹⁶". Sobre a necessidade de que sejam feitas escolhas disciplinares para que haja motivação e, por efeito, o aprofundamento de estudos, uma das debatedoras convidadas argumenta:

Com todos os problemas do ensino médio, a gente não pode deixar de levantar alguns pontos que me parecem fundamentais e que mostram essa baixa qualidade do ensino médio. O primeiro deles, é que nós temos 42% de professores que não são formados nas disciplinas nas quais eles dão aula. Então, num momento, onde nós estamos querendo aprofundar os percursos, o que eu acho muito interessante, como é que nós vamos fazer esse aprofundamento com os professores que não são formados naquela disciplina, se a gente acredita que o conhecimento é fundamental (...). O ponto fundamental é a formação de professores¹⁷.

Novamente, os/as professores/as são convidados a assumirem o lugar da pessoa endividada. Agora, não só por estarem desatualizados das demandas sociais, sempre urgentes, sempre voláteis, sempre descartáveis, mas por estarem atuando na docência em um campo disciplinar diferente da sua área de formação.

O endividamento, como um modo de governar os/as professores/as, produz oscilações, até certo ponto, paradoxais. Por um lado, são devedores/as por estarem em falta com suas atribuições profissionais. Por outro lado, no entanto, são eles e elas, seus próprios credores, na medida em que, caberá, a eles/elas, criarem condições para pagar a dívida. Nas palavras de Lazzarato (2011, p.47) São os efeitos do poder da dívida sobre a subjectividade (culpabilidade e responsabilidade) que permitem ao capitalismo lançar uma ponte entre o presente e o futuro.

Neste sentido, a narrativa da auto-avaliação de um professor, entrevistado pelo programa, torna-se exemplar. Diz ele: "Aonde estão as falhas do professor Luiz na sua formação inicial? Eu tenho obrigação de saber e procurar melhorar meu trabalho. Procurar aprimorar a minha formação¹⁸".

Este lugar de professor/a endividado/a não foi apenas endereçado às pessoas que atuam na docência do ensino médio. Antes, o discurso televisivo estendeu a dívida às instituições formadoras de professores/as, em especial, as "instituições privadas, de qualidade muito duvidosa, onde 75% dos professores/as são formados/as¹⁹". Por consequência, a dívida dos/das docentes inicia-se, nesta produção discursiva, por ocasião de seus processos de formação. "O problema é que quem deve ensinar muitas vezes não aprende direito²⁰".

O discurso sobre a profissão do/da professor/a, a valorização da carreira docente com justa remuneração salarial, ainda que presente nesta rede discursiva²¹, foi atenuado pela própria produção da desvalorização do trabalho docente. A profissão docente foi qualificada como uma das poucas profissões que possui piso salarial, plano de carreira, tempo para estudos, enfim, o discurso de que o/a professor/a tem "regalias" foi notadamente atribuído de sentidos pelos discursos do programa.

Ao situar o Brasil como um país que vive uma terrível crise econômica, herdada dos últimos governos, esses discursos atribuíram à profissão docente um caráter de po-

¹⁸Depoimento do professor Luís Candido Rodrigues Maria – Coordenador da Escola de Formação e aperfeiçoamento de professores. São Paulo. Parte integrante da cena que compôs a série que versou sobre formação de professores. Exibido em 08/12/16.

¹⁹Estatística apresentada pela reportagem do programa Educação: Novos Rumos. Exibido em 08/12/16.

²⁰Discurso endereçado aos/as professores/as durante a reportagem que compôs a série sobre o tema: formação de professores. Exibido em 08/12/16.

²¹Cabe fazer uma ressalva: apesar do discurso dominante não ter valorizado a carreira docente e seus direitos trabalhistas, os discursos enunciados pela debatedora, professora Lisete Arelaro, professora da Faculdade de Educação USP, constituíram-se vozes dissonantes endereçadas ao governo e aos gestores educacionais à dívida para com a categoria dos professores. A participação da professora Lisete Arelaro se deu nas séries que foram ao ar entre os dias 6 a 9/12/16.

²²A estratégia discursiva de colocar a profissão docente como estável e com boa receptividade no mercado de trabalho foi defendida pelo debatedor Cesar Callegari, membro do Conselho Nacional de Educação, durante o debate que versou sobre formação de professores. Exibido em 09/12/16.

²³Enunciado pela debatedora Guiomar Namó de Mello durante a série que problematizou a formação de professores. Exibido em 08/12/16.

sitiva excepcionalidade: “é a profissão que menos se ressentiu frente a crise econômica e o desemprego, pois é um mercado de trabalho que está sempre recrutando profissionais”²².

As históricas lutas travadas pela categoria em prol de seus direitos, foi tratada como problemas comuns enfrentados por outras categorias profissionais. Com uma ressalva: “É preciso reconhecer que nós temos uma profissão onde as pessoas não saem tão fácil. Quer dizer, os que estão no magistério, *o turn over*, como a gente costuma dizer, é mais baixo do que o de outras profissões”²³. Ou seja, as estratégias discursivas foram utilizadas no sentido de mostrar aos/às professores/as que não existem justificativas para que não paguem as dívidas com a sociedade e para consigo mesmo/a.

No discurso do programa “Educação: Novos Rumos”, o currículo é identificado como um rol de disciplinas, distribuídas nos 200 dias letivos, cumprindo às 800 horas. Apesar do programa denunciar, de forma várias vezes repetidas, as ausências de contextualizações dos conhecimentos escolares com a contemporaneidade, os temas que envolvem a diversidade, por exemplo, sexualidade, gênero, raça, etnias, entre outras, não foram sequer mencionados.

A problemática recaiu sobre o quantitativo de disciplinas que são obrigatórias para o ensino médio e o “fardo” que isso representa para os estudantes e professores. “É preciso ensinar menos para aprender mais”²⁴, “Os estudantes não veem sentidos naquilo que eles aprendem”²⁵.

Sobre os impactos da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), ainda em fase de elaboração, e a consequente (in)definição do currículo do Ensino Médio, o discurso midiático, repete a lógica discursiva de que é o excessivo número de disciplinas que impossibilita que os conteúdos disciplinares sejam aprofundados. Nas palavras de uma das professoras entrevistadas:

Essa quantidade de disciplinas, ela é muito grande, ela não possibilita um aprofundamento em algumas disciplinas específicas que são muito importantes na vida moderna: a leitura, a escrita, as artes(...). Esse ensino médio é para o aluno que não pode e que não vai querer continuar estudando, que é mais de 70% dos nossos alunos, ele é para habilitar esse aluno, para arranjar emprego, para caminhar na vida ou ele, o ensino médio, deve ser voltado para a entrada no vestibular²⁶?

Ao tratarem a reforma curricular do ensino médio totalmente desvinculado das dimensões sociais, econômicas e culturais, os discursos midiáticos desvinculam os processos de escolarização do direito a formação para o efetivo exercício da cidadania. Ato falho ou não, a professora diz que: “esse ensino médio é para o aluno que *não pode* e que *não vai querer* continuar estudando”, explicitando que as escolhas dos percursos formativos não remetem ao suposto protagonismo da juventude em poder escolher a trajetória acadêmica. Antes, a juventude das classes populares necessita trabalhar para sobreviver e, por consequência, a “oferta” da formação profissional, ainda que aligeirada e empobrecida, provavelmente, seja a única “escolha” para muitos desses jovens. Já aos demais, o ensino médio continuará preparando para a entrada no ensino superior. Como nos lembra Dean (1999), no neoliberalismo a liberdade do sujeito é condição para sua sujeição. Ou seja:

o exercício da autoridade pressupõe a existência de um livre sujeito de desejo, necessidade, direitos, interesses e escolha. Todavia, sua sujeição é também uma condição para a sua liberdade: para que possa agir livremente, o sujeito deve ser antes conformado, guiado e moldado para tornar-se alguém capaz de exercer responsabilmente sua liberdade num sistema de dominação. Sujeição e subjetivação estão uma ao lado da outra. Uma é a condição para a

²⁴Pronunciado pelo debatedor e economista Claudio de Moura Castro, no debate promovido pela série que tratou o currículo no ensino médio. Exibido em 29/11/16.

²⁵Os discursos sobre as ausências de sentidos nos conhecimentos trabalhados na escola atravessaram todos os episódios do programa.

²⁶A entrevista foi concedida pela Profa. Rose Neubauer, conselheira do Conselho Estadual de Educação de São Paulo.

outra. (ib., p.165).

O último episódio da série, traz o tema, “o futuro da educação”, como mote para o debate. A reportagem lança os seguintes questionamentos aos/às debatedores/as convidados/as: “O que esperar do futuro da educação no Brasil?” “A reforma defende a igualdade de oportunidades para os nossos jovens! Você acredita nela como instrumento para combater as desigualdades que existem hoje?” A partir destes interrogantes, o enredo repete a mesma estratégia discursiva utilizada ao longo dos dez episódios, qual seja: a decadência do ensino médio e a necessidade urgente de reformar a educação para torna-la compatível com os anseios e desejos da juventude. Nesta discursividade, noções como igualdade de oportunidades, vocação, habilidades emocionais, liberdade de escolhas e tantas outras, supostamente, já superadas pelas lutas travadas pelos educadores na década de 1980, retornam como condições para a promoção do empoderamento da juventude.

Sobre isso uma das debatedoras²⁷, convidadas pelo Programa, argumentou:

Você ter igualdade para ter oportunidade na escola não significa que tenha que ser igual o tratamento para todo o mundo. Quer dizer, a equidade é exatamente você garantir igualdade do acesso e diversidade do tratamento. Não só a diversidade de você ter várias opções de currículo, como a diversidade de você ter ao final do Ensino Médio algumas áreas que você tem mais interesse do que outras. (...). Além disso, o aluno tem uma abertura para ir fazer uma educação profissional, escolher uma profissão ou se informar melhor sobre o mercado de trabalho e depois continuar com uma formação profissionalizante.

O discurso da igualdade do acesso, totalmente descontextualizado das condições de permanência e de sucesso escolar, faz parte do entendimento de que é preciso “enxugar” o currículo do ensino médio como possibilidade de que os estudantes possam aprofundar seus conhecimentos de acordo com seus interesses, aptidões, habilidades, vocações. Neste sentido, o futuro do ensino médio no Brasil é narrado de forma otimista pela maioria dos convidados:

Eu acho que o futuro da educação é bastante promissor a longo prazo. No momento, nós temos vários problemas de qualidade. Nós conseguimos avançar na quantidade, mas a qualidade deixa muito a desejar. Todas essas medidas estão pensando na melhoria da qualidade. A questão do professor é fundamental, nós discutimos isso aqui, e eu acho que nós temos hoje, uma oportunidade de mudar uma escola que todo mundo é unânime em dizer que tem que mudar, que não pode ser uma escola de conteúdos e de 19 disciplinas iguais para todo o mundo²⁸.

Os discursos fabricam uma realidade onde os conhecimentos devam ser aprofundados a partir da “liberdade de escolhas” e dos interesses individuais dos estudantes. Utilizam de uma estratégia discursiva que busca resistir às duras críticas feitas pela comunidade científica sobre os cortes compulsórios de áreas de conhecimentos que o “novo” ensino médio sofreu com a aprovação da reforma. “Não se trata de cortar e sim de promover o aprofundamento de temas de interesse dos estudantes²⁹”. Sobre a necessidade atribuída pela reforma em tornar obrigatório as “ênfases” no currículo do Ensino Médio, um dos debatedores explica de forma bem pragmática:

A diversificação é uma maneira de você ensinar com menos peso, menos ên-

²⁷Enunciado pela debatedora Guiomar Namó de Mello durante o episódio que problematizou o “Futuro da Educação”. Exibido em 09/12/16.

²⁸Enunciado pela debatedora Guiomar Namó de Mello durante o episódio que problematizou o “Futuro da Educação”. Exibido em 09/12/16.

²⁹Enunciado pela debatedora Maria Alice Setubal, presidente do Conselho do CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária, durante a série que discutiu o currículo no ensino médio, apresentado em 29/11/16.

³⁰Pronunciado pelo debatedor e economista Claudio de Moura Castro, no debate promovido pela série que tratou o currículo no ensino médio. Exibido em 29/11/16.

fase, menos tempo, aqueles assuntos que os alunos têm menos interesse (...). Gasta a cabeça como que ele gosta. Aí você gera tempo para aplicar, para gostar e para fazer com que aquele conhecimento se incorpore no repertório das coisas que você pode usar para dar mais sentido e tornar mais eficaz em seu cotidiano³⁰.

A narrativa acima expressa, com clareza, a racionalidade empresarial que preside a Reforma do Ensino Médio, proposta e aprovada pelo atual governo. Nela, o estudante é pensado aos moldes de uma empresa. O tempo deve ser otimizado de tal forma que o sujeito, no menor prazo de tempo possível, possa se oferecer ao mercado de trabalho com o maior conjunto de competências vendáveis. Nesta lógica, cada estudante-microempresário deve, em uma mesma operação, investir em si mesmo de forma permanente e contínua e competir com outros na venda de serviços.

Deleuze (1992), ao analisar a passagem da lógica disciplinar a uma lógica de controle, mostra que essa mudança se faz acompanhada de transformações no modo de produção capitalista onde as conquistas do mercado já não necessitam mais da disciplina e sim da tomada de controle. A mudança do foco mercadológico, ou seja, da produção de bens de consumo à “criação de mundos” (LAZZARATO, 2006, p. 99), permitiu que fábrica cedesse lugar a empresa. E, ao contrário do modelo fabril, onde o poder operava a partir da concentração dos/das operários/as em um espaço fechado, “a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexpiável como sã emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo” (DELEUZE, 1992, p. 220).

O marketing torna-se instrumento de controle social e a mídia exerce uma função primordial na disseminação/produção das competências mercadológicas necessárias ao perfil profissional do “sujeito contemporâneo³¹” e “conectado com a sua realidade”. Este “cidadão do seu tempo” não pertence à fábrica e sim a empresa. Ele é produzido como um sujeito flexível, autônomo, criativo, inovador e livre. Um sujeito que assume os riscos por suas escolhas!

Nesta direção, o discurso midiático vem produzindo a necessidade de que a escola precise se modernizar, acompanhar a contemporaneidade, ou seja, deixe de atuar de forma disciplinar para tornar-se, o mais rapidamente, possível uma empresa prestadora de competências e habilidades requisitadas pelo modo capitalista das sociedades de controle. A escola-empresa produz os/as pequenos/as empresários/as que rapidamente aprendem que o conhecimento é uma espécie de mercadoria cujo o valor está em sua aplicabilidade. Como exemplificou um dos debatedores do programa “Educação: Novos Rumos”:

Há uma diferença entre (ensino) aplicado e profissionalizante. Muita gente defende o ensino profissionalizante porque ele é aplicado. Mas, o ensino não precisa ser profissionalizante para ser aplicado. Aplicado significa você pegar uma ideia estratosférica como ela vem no livro e aí você diz: Vamos aplicar essa ideia no concreto, seja em português, seja em matemática, seja em física. (..) eu cito um pequeno exemplo(...). Em Singapura, no quarto ano primário, os alunos aprendem 4 tópicos. No Brasil, neste mesmo ano, eles aprendem 28 tópicos. Olha o Brasil e Singapura no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), ou seja, nos insistimos no erro de ensinar de mais e os alunos aprendem de menos³².

O conhecimento importante é produzido como aquele que é útil para o consumo imediato e que a sua aplicabilidade se torne rentável. Desta forma, fica difícil para os/as jovens escolherem percursos formativos constituídos pelas áreas de humanidades e ciências sociais frente a uma configuração capitalista que exige não apenas rapidez no trabalho e na vida, senão que se consuma mais e mais rápido se descarte. Nas palavras de Eduardo Galeano (2010), a “cultura do consumo, cultura do efêmero, condena tudo ao desuso mediático. Tudo muda ao ritmo vertiginoso da moda, posta ao serviço

³¹Expressões como: conectados, contemporaneidade, liberdade de escolha, flexibilidade, cidadão do seu tempo, liberdade, autonomia, motivação, entre outras, foram marcas discursivas presentes em todo o tecido discursivo criado pelo programa. Em especial, na última série onde foi tratado o “futuro da educação”. Exibido em 09/12/16.

³²Pronunciado pelo debatedor e economista Claudio de Moura Castro, no debate promovido pela série que tratou o currículo no ensino médio. Exibido em 29/11/16.

da necessidade de vender. As coisas envelhecem num piscar de olhos, para serem substituídas por outras coisas de vida fugaz”.

Pulverizando expressões como “interesse”, “vocação”, “motivação”, “liberdade de escolha”, entre outras, o programa: “Educação: Novos Rumos”, constrói um discurso onde a reforma do ensino médio trará a “escola dos sonhos” da juventude. A trama discursiva produz uma espécie de fluidificação dos conhecimentos escolares do Ensino Médio. A promessa de múltiplas escolhas de percursos formativos mobiliza os sentimentos da juventude secundarista dando-lhe a sensação de liberdade e de empoderamento. O jovem escolhe e decide o quer para sua vida enquanto empresário de si mesmo.

Considerações Finais

Ao me encaminhar para o fechamento deste texto, é importante dizer que a mídia se constitui em “um espaço de “visibilidade de visibilidades”; ela e suas práticas de produção e circulação de produtos culturais constituem uma espécie de reduplicação das visibilidades de nosso tempo” (FISCHER, 2002, p.32. Grifos no texto). Ou seja, mais do que inventar ou produzir determinados discursos, a mídia seleciona o que deve ser visto e ouvido. Essa seleção, sempre extraída do repertório cultural, político, social e econômico, considera, especialmente, “a quem” esses discursos estão endereçados e buscam atingir.

Embora, os discursos dominantes tenham sido endereçados à figura do/da professor/a em dívida com a sociedade, corresponsável pela decadência da escola secundarista no Brasil, não se pode deixar de dizer que outros modos de endereçamento circularam e abriram brechas para que diferentes lugares sociais pudessem ser ocupados por estudantes e docentes. Aqui, é exemplar a narrativa de uma das debatedoras. Diz ela:³³

A escola tem que ser instigante, significativa, dialogal. O conteúdo *stricto sensu*, é importante que a gente tenha clareza disso, o que nós estamos falando hoje, amanhã pode estar superado porque a tecnologia, a ciência, a literatura, eles vêm mudando. Por isso que nós temos dito não basta, não basta, nós simplesmente colocamos um currículo, uma proposta de currículo, que seja fechada, pois a escola precisa entender o que se passa com ela mesma(...). Por isso, qualquer proposta que pretenda engessar a escola, trazer uma fórmula única, hoje, está fadada ao fracasso.

Cabe sublinhar que com o transbordamento das sociedades disciplinares e de seus dispositivos de poder, a empresa está tomando o lugar da fábrica, e o controle está cada vez mais ligado a comunicação. Como observa Lazzarato (2006, p. 159), “desde o final do século XIX, o poder das máquinas de expressão foi multiplicado pelos dispositivos tecnológicos de reprodução que agem à distância (rádio, telefone, televisão, internet)”. Assim, com a crescente expansão e sofisticação da produção capitalista, os diferentes meios de comunicação tornam-se imprescindíveis, pois que, de forma rápida, até mesmo instantânea, produzem e fazem circular um conjunto de discursos, sempre correlacionados com as forças sociais, culturais, econômicas, políticas, que interferem diretamente nas formas pelas quais compreendemos o mundo e a nós mesmos/as neste mundo. E, provavelmente, a nossa maior força de resistência possa estar em identificar e explicitar suas estratégias concorrendo para que o filme “erre” seus endereçamentos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. *DOU*. 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccj->

³³Pronunciamento da professora Lissete Arellano durante o episódio que problematizou o “Futuro da Educação”. Exibido em 09/12/16.

vil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acessado em 20 de fevereiro de 2017.

BRASIL. MPV. 746/2016. Institui a política de fomento à implementação de escolas de ensino médio em tempo integral, altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e a lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o fundo de manutenção e desenvolvimento da educação básica e de valorização dos profissionais da educação, e dá outras providências. *DOU*. 23 de setembro de 2016. Edição Especial. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm. Acessado em: 3 de outubro de 2016.

DEAN, M. *Governmentality: power and rule in modern society*. London: Sage, 1999.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, G. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo da mídia: modos de educar (e pela) TV. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, M. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós, 1991.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

LAZZARATO, M. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, M. *O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal*. São Carlos: Edufscar, 2011.

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Diagnóstico do Ensino Médio Brasileiro*. Exibido em 28/11/16. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59172_diagnostico-do-ensino-medio-brasileiro-educacao-novos-rumos-1.html. Acessado em: 03/02/17.

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Currículo do Ensino Médio*. Exibido em 29/11/16. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59171_curriculo-do-ensino-medio-hoje-educacao-novos-rumos-2.html. Acessado em: 03/02/17.

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Financiamento e a Escola de Tempo Integral*. Exibido em 30/11/16. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59203_financiamento-e-a-escola-de-tempo-integral-educacao-novos-rumos-3.html. Acessado em: 05/02/17.

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Financiamento e a Escola de Tempo Integral*. Exibido em: 01/12/16. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59210_enem-instrumentos-de-avaliacao-educacao-novos-rumos-4.html. Acessado em: 05/02/17

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Medida Provisória*. Exibido em: 02/12/16. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59253_medida-provisoria-i-educacao-novos-rumos-5.html. Acessado em: 05/02/17.

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Medida Provisória II*. Exibido em 05/12/16. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59256_medida-provisoria-ii-educacao-novos-rumos-6.html. Acessado em: 05/02/17.

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Ensino Técnico Integrado no Brasil eno Mundo*. Exibido em: 06/12/16. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59259_ensino-tecnico-integrado-educacao-novos-rumos-7.html. Acessado em: 05/02/17.

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Currículo - Base Nacional Curricular*. Exibido em: 07/12/16. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59277_base-nacional-curricular-educacao-novos-rumos-8.html. Acessado em: 07/02/17.

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Formação de Professores*. Exibido em 08/12/16. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59302_formacao-de-professores-educacao-novos-rumos-9.html. Acessado em: 07/02/17.

TV CULTURA. Programa – Educação: Novos Rumos. *Futuro da Educação*. Exibido em: 09/12/18. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/59332_futuro-da-educacao-educacao-novos-rumos-10.html. Acessado em: 07/02/17.